



## O QUE O CAMPO ENSINA ALÉM DOS DADOS ETNOGRÁFICOS: UMA VIAGEM A CAIANA DOS CRIoulos UM ESPELHO PARA A VIDA

Pedro Fernandes de Queiroz<sup>1</sup>

### RESUMO

A ida ao campo é tida como um ritual de passagem necessário para aqueles que desejam seguir uma vida ligada ao mundo da antropologia e passa a desempenhar seu ofício como tal. Mais do que conhecer um método, queremos apresentar o quanto uma simples viagem ao campo pode nos ensinar lições que servem não só para Ciências Sociais, mas para vida do cientista enquanto gente.

**Palavras-Chave:** quilombo, luta, trabalho de campo, vida

### RÉSUMÉ:

Un voyage à la campagne est considérée comme un rite de passage nécessaire pour ceux qui souhaitent poursuivre une vie connectée au monde de l'anthropologie et commence à jouer son bureau en tant que telle. Plus de la connaissance d'une méthode, nous montrons comment un simple voyage vers le pays peut nous apprendre des leçons qui ne servent pas seulement aux sciences sociales, mais pour la vie du scientifique en tant que peuple.

**Mots-clés:** marrons, la lutte, le travail de terrain, la vie

### RESUMEN

La ida al campo es tenida como un ritual de pasaje necesario para aquellos que desean seguir una vida ligada al mundo de la antropología y pasa a desempeñar su oficio en cuanto tal. Más de que conocer un método, queremos presentar cuánto una simple viaje al campo puede enseñarnos lecciones que sirven no sólo para las Ciencias Sociales, mas para la vida del científico como gente.

**Palabras llave:** Quilombo, lucha, trabajo de campo, vida.

---

<sup>1</sup> Mestre em Sociologia pela UFPB- Campus, professor de sociologia do Curso de Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA

## INTRODUÇÃO

Havia três anos sabido da existência do quilombo Caiana dos Crioulos, situado à 12 Km, da cidade de Alagoa Grande, no brejo paraibano. Porém, meus interesses estavam direcionados para outra área de pesquisa fora deste Estado. Andava investigando a relação de preconceito racial na região do Seridó, enfincada no sertão norte-rio-grandense<sup>2</sup>. Porém, com o término desta pesquisa, os interesses voltaram-se, a esperar uma oportunidade propícia a visitar Caiana dos Crioulos, a única comunidade rural negra paraibana reconhecida como terra de quilombo até o ano de 1997.

A oportunidade surgiu a partir do desprendimento do Professor Luciano Mendonça, na época chefe do departamento de História e Geografia, da Universidade Federal Paraíba- Campus II, em aceitar o meu convite à comunidade. Com a confirmação da ida a campo, o mais difícil foi agenda uma data que satisfizesse a ambos. Contudo, prevaleceu sobre a individualidade de cada um, o tempo institucional, a fornecer um transporte que nós levássemos até Caiana. Desta forma, no dia 30 de janeiro de 2003, às sete horas da manhã, partimos do Campus II, em Campina Grande à Alagoa Grande.

A nós acompanhar nesta visita etno-histórica de caráter exploratório, estava Jailton Andrade, aluno do Curso de História, da Universidade Estadual da Paraíba. No percurso até chegarmos à comunidade, nenhum dos ocupantes do veículo mencionou o nome do quilombo. Parece que se evitou pronunciá-lo, para que a palavra não perdesse seu encanto.

Aos poucos observei que cada um de nós levava um instrumento que denunciaria o nosso papel em campo. Uma máquina fotográfica, um gravador e uma linda caneta esferográfica. A máquina fotográfica pertencia a Luciano. Com ela, o historiador observou tudo, sem disparar um Flash em nenhum instante. A posse da máquina era seu disfarce perfeito, para andar e procurar talvez, algum documento perdido no espaço da comunidade, quando alguém indicasse.

O gravador era do sociólogo. Com esse objeto “magnífico” esperava registrar

---

<sup>2</sup> Os resultados desta pesquisa podem ser observados na dissertação: “O sertão: negros e brancos. Uma amostra do preconceito em Currais Novos/RN”.



algumas vozes, que me possibilitasse decodificar significados obscuros que revelasse depois a teia cultural de dominação no brejo paraibano. De certa forma, imagino que essa máquina tornou-se para alguns de nós, uma espécie de oráculo, similar ao de Delfos. Capaz de revelar os fatos que se desejava saber, sem precisar recorrer ao ouvir, ao ver ou a própria epistemologia.

Já, a caneta de Jailton, iniciante a historiador, com estilo de diplomata, tornou-se o instrumento diplomático para assinar acordos em Alagoa Grande. Seja na hora de anotar os endereços, seja na hora do historiador José Avilar Freire autografar seu livro para Luciano Mendonça. Assim, os três com as suas respectivas ferramentas de trabalho de campo se aventuraram a conhecer os fragmentos históricos e culturais de uma comunidade quilombola paraibana que serviria de lições de vida.

## **O DESENVOLVER DE UM PROCESSO DE NEGOCIAÇÃO ETNOGRÁFICA**

Ao chegarmos a cidade de Alagoa Grande, presenciamos em comparação com outros lugares da Paraíba, uma quantidade boa de pessoas de cor nas ruas. Seja, sentadas nas praças, seja em filas para receber a bolsa escola, seja caminhando, ou desempenhando suas tarefas do dia. No outro lado da história que o cotidiano revela pelo olhar atento, estavam aquelas pessoas protegidas pelos tetos das suas casas imperiais dos fins do século XIX. Ambos os lados, traziam nas marcas das peles registros esparsos do passado. Pois a tonalidade da pele servia de indício para indicar a enorme importância da economia canavieira no brejo para a Paraíba, bem como a parte dos agentes envolvidos nesse sistema de produção no passado.

Neste cenário digno dos livros de história ou de antropologia, nos dirigimos à igreja matriz de Alagoa Grande, tendo como orago Nossa Senhora da Boa Viagem. Inscrito em sua fachada, o ano da sua inauguração, 1868. Defronte a matriz um parque de diversão,

montado para a festividade da padroeira que estava acontecendo.

Ao descermos do carro, seguimos a direção da porta central da igreja. A nos aproximarmos observamos uma senhora preta, a adentrar de forma rápida no seu interior. Seguir seus passos, enquanto Luciano e Jailton ficavam observando o estilo arquitetônico do casario alagoa-grandense do século XIX, com suas largas e altas janelas e seus arabescos e azulejos. Ao vê-la próxima ao altar, perguntei por Paulo. A pessoa que se comprometera a nós levar até Caiana.

Ao encontrá-lo, um breve diálogo. E, a certeza que ele ainda estava disposto a nós acompanhar permaneceu, como no nosso primeiro encontro na UFPB. No entanto, pediu-me apenas que esperasse um instante. Ao aguardá-lo chegou uma jovem, de uns doze anos de idade aproximadamente. Nas mãos uma galinha branca que combinava cor da sua pele preta. Ao entrar na sacristia, saiu sem a galinha, mas trazia a companhia de Paulo. Ele apresentou-me a jovem Cleide, moradora de Caiana dos Crioulos. Sua galinha era a oferenda da sua família à festa da Padroeira.

Ao apresentar o Paulo, a Luciano e a Jailton, logo Luciano perguntou: se havia algum historiador na cidade, bem como a possibilidade de conversar com ele, antes de ir ao quilombo. Sem demora, Paulo nos convidou a visitá-lo. Ao chegar a sua residência, a empregada nos informa da sua ida a Campina Grande. Sem o historiador, Paulo perguntou pela dona da casa, professora de geografia. Pela demora a nos atender, provavelmente acabará de acordar. A nos receber com uma enorme hospitalidade, disse: que seu esposo estaria voltando em breve, por isso poderíamos até aguardá-lo. Paulo explicou que estávamos interessados na história de Caiana dos Crioulos. Assim ela, nos narrou um pouco dessa história:

“Eu sei. Os negrinhos de Caiana. A primeira vez que eu os visitei, foi em 1976. Voltei com as marcas de um chicote no meu corpo. Viam-se as listas de sangue. Eles eram uns bichos. O branco que lá entrasse se não fosse expulso; os moradores se escondiam dele, ou nos matos ou dentro das casas. Eles diziam que os brancos eram enviados do governo para tomar as casas deles. Mas, hoje eles são mais evoluídos” (Professora).



Apesar da conversa agradável, tomamos a iniciativa orientada por Paulo de irmos à Caiana, quando aproximava das nove horas da manhã. Despedimos da geógrafa, mas avisamos que retornaríamos ao entardecer para conversar com o seu esposo. Com destino a comunidade, passamos por de trás da catedral, logo em seguida em frente ao cemitério, para depois seguirmos em frente numa rua de paralelepípedos até o seu fim. Com o fim da rua, entramos numa estrada carroçável, registrada no mapa como asfaltada, que nos levaria até a comunidade.

Aos poucos o veículo vencia a estrada de massapé, terra propícia as grandes plantações de cana. Os atoleiros deixados pelas chuvas, agora não representava obstáculos a alcançar o cume da serra, onde estavam espalhados os caianenses em posição defesa para um possível ataque inimigo. No caminho, alguns deles passavam carregando manivas (Mandioca) em seus burros, para a casa de farinha comunitária.

Ao penetrarmos cada vez mais no território do quilombo, permanecia a dúvida de onde parar, para iniciarmos as entrevistas. A escolha do ponto inicial coube a decisão de Paulo, já que ele conhecia o território. As primeiras informações foram coletadas junto, a uma senhora branca, chamada Paula. Ao entrarmos em sua casa, descobrimos que ela estava só. Mesmo assim mostrou-se bem receptível. Na conversa comunicou que o seu avô paterno e seu pai eram carpinteiro da fazenda, onde fica a atual área de terra da comunidade.

Com o casamento do seu pai, ela informou que ele recebeu a autorização do dono da fazenda de abrir uma bodega, por volta de 1950. Por muito tempo, essa bodega foi o único espaço de venda de mercadorias para o pessoal de Caiana, quando não quisesse deslocar até a cidade de Alagoa Grande. Além dessas informações, ela nos relatou as pessoas capazes de narrar o cotidiano da comunidade ou do seu passado. De posse dos nomes dessas pessoas fomos procurá-las. Antes, porém, visitamos uma casa de farinha próxima da casa de Paula.

Novamente, na ausência do homem, dono da casa de farinha, conversamos com

a sua esposa.

*“Estou aqui só há dois meses. Meu marido comprou isso aqui, de um tal de Damião Nunes Pereira. O pessoal durante esse tempo que estou aqui, fez muita farinha. As negrinhas da Caiana vem aqui. Descobriram que eu vendo roupa. Quando foi outro dia, vi uns quinze negrinhas escondidas por trás de um pé de cajarana. Aí, fiquei olhando, achando graça. Uma delas veio até a me, enquanto as outras olhavam assustadas. Perguntou: se eu vendia roupa. Respondi que sim. Depois ela chamou as outras para ver as roupas”.*

Ao sairmos dessa casa de farinha dirigida por um branco, recentemente adquirida por meio de compra, a um outro branco, fomos à casa de farinha dos morados de Caiana.

Ao chegarmos havia uma grande quantidade de manivas no centro da casa. As mulheres ao chão, em silêncio, possivelmente por causa da nossa presença estranha, manejavam as facas com suas lâminas bastante desgastadas pelo uso nas manivas. Eram os preparativos iniciais para a farinhada.

Na casa de farinha que no período de produção se transformava na única praça pública que o quilombo não tinha, sentados numas cadeiras improvisadas em forma de banco, assistimos os homens acompanhando com seus burros carregados de manivas adentra no espaço da casa. Eles apenas trocavam palavras de recepções. Sem perderem tempo descarregaram os caçoais dos seus burros e partiam.

Ao ficar somente as mulheres na casa, buscamos dividir sua atenção do trabalho, para com algumas de nossas perguntas ou comentário. Sant`Ana de 80 anos de idade, fez narração da fome na comunidade, da fuga dos filhos para o Rio de Janeiro a livra-se da miséria e da morte. Quando, Sant`Ana fez silêncio por um instante, passei a escutar a fala de Rita com os historiadores. Surpreendi-me com a admiração de Rita em relação a um desenho de uma usina que ela viu na cidade de paraibana de Areia, como revela suas palavras: *“cheguei em Areia. Vi uma coisa muito importante. Um retrato maravilhoso de uma usina parado na parede”* (Rita). Talvez essa sua admiração provenha do fato dela



ouvir falar que a usina nunca dorme, sempre a precisar de braços: noite e dia. No entanto, naquela imagem o monstro estava dormindo.

Pela proximidade da hora do almoço, bem como de não tomamos mais seu tempo de trabalho, nos despedimos das pessoas que estavam na casa de farinha para retornamos à cidade. Após o almoço no restaurante, misturado com as observações colhidas na comunidade, decidimos procurar à casa do historiador. Ao chegarmos a sua casa, já estava a nós esperar. Havia sido informado por sua esposa que voltaríamos. Apresentou uma sinopse da história de Alagoa Grande, que incluía algumas informações de Caiana dos Crioulos. Os traços das informações sobre Caiana seriam enriquecidos ainda mais com a presença Padre Luiz Zadra e Francimar.

Da conversa com o Padre Luiz Zadra e Francimar principalmente, na casa do historiador, em torno da luta pela terra em Alagoa Grande e no brejo paraibano, compreendemos, fazendo alusão a clássica afirmação de Karl Marx, sobre os camponeses, em seu livro “18 de Brumário”<sup>3</sup>, que nem todas batatas dentro do saco que não para em pés brancas. As não brancas, são consideradas diferentes e com outros valores. Por isso nos arriscamos observar algumas batatas não-brancas”, como elas agem para garantir o acesso a terra.

### AS LIÇÕES DE VIDA TIRADA NUM DIA DE CAMPO

Há uma notória aceitação no brejo paraibano da importância da economia aguardenteira-rapadureira proveniente da cana-de-acúcar para esse espaço, principalmente no período colonial, já que seus engenhos não conseguiam competir com os demais engenhos do litoral, devido à distância das praças comerciais. Ainda assim, os canaviais cobriram as extensas terras do brejo, ora como principal atividade econômica, ora subsidiando outras atividades econômicas, como a do café. Logo cedo, o brejo configurou-

---

<sup>3</sup> MARX, Karl. **O 18 de Brumário e cartas a Kugelmann**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

se como uma imensa ilha de engenhos que a todo custo era necessário mantê-lo funcionando, pela voz dos seus capitães hospedados nas casas-grandes e pelos braços dos seus subordinados instalados nas senzalas.

A instalação da abolição e o fim do sistema escravista não significaram a destruição destes engenhos. Eles permanecem ativos e, exigido as mesmas mãos-de-obra, as mesmas relações de trabalho até a quarta década do século XX, como podemos observar: “[Os informantes] *apontam o uso do tronco onde os trabalhadores desobedientes eram amarrados e assim permaneciam durante horas a fio e às vezes dias, sendo, eventualmente, complementarmente açoitado com chicote*”(CANTALICE, 1980)<sup>4</sup>.

A partir dessas relações de espoliações, a luta pela terra no brejo vai ser marcada por constantes embates e violências. Assume a voz dos “condenados da terra”<sup>5</sup>, os sindicatos e a Liga dos Camponeses. Neste instante, em nenhum momento a categoria quilombola é convidada a entrar em cena. Há neste período, outras categorias sociais com as suas respectivas identidades, a ser acionadas por terem mais valor de negociação na esfera política, a exemplo: camponês e agricultor.

Assim, a invisibilidade do negro, antes visível enquanto escravo se acentua. Às diversidades étnico-culturais agora se cristalizam na desigualdade do acesso a terra. Os mais próximos da casa-grande por sociabiliza-se com os vários códigos de dominação e subordinação desenvolve a capacidade de transitar na cadeia discursiva de negociação pela terra, por desenvolvido um habitus social<sup>6</sup>. Dessa forma, conseguem comunicar seu querer para que os grupos de pressão, os Sindicatos e a Liga, agirem por eles.

Em compensação, tudo parece reforçar, que a comunidade de Caiana dos Crioulos, identificada e reconhecida pelos alagoa-grandrenses preconceituosamente, enquanto negros quilombados é uma categoria excludente no acesso a terra, enquanto legítima. O peso da sua identidade histórica enquanto remanescentes de um quilombo

---

<sup>4</sup> CANTALICE, Dulce Maria Barbosa. Conflito de terra em Alagoa Nova. In.: **Encontro realidade nordestina**. Campina Grande, 1980).

<sup>5</sup> FANON, Fraz. **Os Condenados da Terra**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

<sup>6</sup> BORUDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.



“*comprovadamente*” reconhecido, o afasta do contato com os grupos de pressão.

É, portanto, uma identidade estigmatizada, de difícil manipulação na órbita municipal ou estadual. Nesse período a luta pela terra, estruturava-se nas instancias governamentais, não-governamentais e confessionais a outorgar o reconhecimento a terra aos camponeses despossuídos, sem leva em consideração outra categoria identitária de grupo, principalmente a étnica.

Porém, com a Constituição Federal de 1988, o artigo 68 das Disposições Transitórias, dá o direito da titulação e demarcação “*aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhe os títulos respectivos*”(p.20). Agora, os mesmos agentes que apoiavam os camponeses passam a dá suporte a identidade quilombola junto à esfera política do Estado da Paraíba ou da União.

Nos anos 90, com o fechamento da usina Tanque, o que era um processo de luta pela terra acompanhada de mortes, sempre noticiadas nos meios de comunicações paraibano, recebe intervenção do Ministério da Reforma Agrária. Seus agentes desapropriam a terra da usina, para demarcam os assentamentos. Dois dos assentamentos estão adjacentes à Caiana dos Crioulos. Esses se encontravam sem ter seus títulos de terras reconhecidos e sem a assistência governamental para resolver a situação.

Nesse contexto, tudo indica que surge o Padre Luiz Zadra – coordenador do Jornal Negra Voz, na Paraíba, e da Revista Sem Fronteira – agenciando um laudo antropológico para a comunidade, com a finalidade de identificá-la enquanto área de remanescente de quilombo, meta alcançada em 1997.

Sem esperar pelo laudo pericial, outra comunidural negra de Alagoa Grande, a de Vertente, troca a sua identidade pelo direito a terra. Abandona seu antigo território, conhecido de forma depreciativa como “*buraco dos negros*”. E, passa acionar a sua identidade de camponeses deserdados para reivindicar o direito à terra, como assentados, semelhantes aos camponeses brancos. Assim, planeja e utiliza-se do mesmo processo dos demais despossuídos da terra para conquistá-la.

A comunidade de Vertente tomou sua decisão, no momento que era grande a indecisão em torno da propriedade da terra ou mesmo da permanência sobre a terra ocupada. As plantações de cana dos engenhos estavam em decadência por causa dos mercados, a única usina da cidade, Tanque estava fechada desde os anos sessenta, após sua fundação em 1932. Paralelo a crise, passa co-existir o aparato jurídico intervindo nos vínculos consuetudinário de mando do proprietário da terra, sobre o morador. **Assim**, despersonaliza as relações sociais, impondo práticas mercantis e da lei escrita, com ela os direitos dos trabalhadores<sup>7</sup>.

A intervenção da lei opera substituindo as moedas do favor e do metal pela do direito. O que torna demasiadamente cara as relações sociais no espaço canavieiro, já que há uma transformação da categoria morador para trabalhador rural. Os Proprietários e os moradores resignificados, encontram duas saídas para satisfazerem seus interesses. A primeira é acionada pelos proprietários. Esses sem o direito de expulsar seus antigos moradores, porque a lei agora os proíbe, sem condições também, de pagar os direitos trabalhistas. Passa cobrar dos moradores a taxa foral.

A segunda saída parte dos próprios moradores. Largam a moradia, ou mandam seus filhos homens para o Sul. A finalidade de ir para o Sul é de poder trabalhar e poupar, com o objetivo de retornar para comprar um pedaço de terra. Os que ficam sem poder acionar essa estratégia buscam a lutar pela terra via sindicato e associações.

O caminho do sindicato e das associações foi adotado pelos moradores de Vertente, como outros camponeses. Acabam sendo assentados em duas áreas: Maria da Penha I e II. Esta “tática” dos moradores de Vertente de deixar para trás seu antigo território, o nome de sua comunidade e de se dividirem, é explicada pelo Padre Luiz Zadra, da seguinte forma: “*a terra para eles [moradores de vertente] era vista com um castigo. Por ser conhecida por Buraco dos Negros*”.

A tática dos vertentianos solucionou dos problemas que a tempo vinham lhes incomodando, o precário lugar<sup>8</sup> e a falta de terra favorável. De complemento, passo a ter acesso à assistência governamental. Além disso,

---

<sup>7</sup> GARCIA Jr, Afrânio. Libertos e sujeitos: Sobre a transição para trabalhadores livres do Nordeste. In. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. No. 7, Vol. 3, jun, 1988. pp. 5-41.

<sup>8</sup> ALBUQUERQUE Jr. Durval de Muniz. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar**. São Paulo: Editora Cortez, 2007.



saíram da condição de sujeito para a de liberto, cem anos após a abolição. Pois no brejo: *“a oposição entre libertos e sujeitos é acionada para pensar a diferenciação de posições sociais: é o caráter independente ou subordinado à vontade de outrem que está no cerne desta oposição”*(GARCIA Jr.; 1988: 35).

Desta forma deixa de ser morador ou de não se ter mais necessidade de vender a força de trabalho por ter o poder de trabalhar na sua própria terra, foram as condições objetivas que ascenderam aos “ex-vertentianos” para se transformar em libertos. Mas será que para chegar a condição de liberto é preciso perde, esconder, negar, ou troca à identidade? Ou se assume a lição dos moradores de Caiana dos Crioulos que permaneceu fiel ao seu passado, a sua tradição, a sua identidade, com todos os percalços para se tornarem libertos. Como aqueles dos dias de feira em Alagoa Grande *“ao desce à feira em grupo, se viam na necessidade de se separarem para não ser chamados de macacos, e receber cascas de bananas na cara* (Padre Luiz Zadra).

Ainda que não seja, para alargar ou por em xeque o arsenal teórico da antropologia ou da sociologia, devemos ir ao campo, acompanhado com nossos alunos para que eles possam aprender a terem experiências para melhor resolverem as suas situações existências, seja de valores ou de ação, como um dia eu tive a minha chance. Para ser sincero, continuo tendo a chace de ir ao campo.